

## **A Escola de bem morrer do padre Antonio Maria Bonucci: a preparação para uma boa morte na Bahia na primeira metade do século XVIII**

LUCIANA ONETY DA GAMA SOBRAL\*

### **1. Introdução**

---

A morte sempre exerceu um grande fascínio sobre a humanidade. No fim da vida os indivíduos dão sentido tanto a grandes como aos mais insignificantes eventos, símbolos de um cotidiano perdido e revestem-nos de valores que apontam para a existência de um patrimônio que se nega a morrer, produto de uma herança invisível (ARAÚJO, 1997: 15). As digressões acerca da morte e do destino *post-mortem* estão intrinsecamente relacionadas ao imaginário individual e coletivo, principalmente no seio da cristandade<sup>1</sup>. Destarte, a forma como o homem se comporta diante da morte, seja a sua, seja a do outro e como ele se prepara para acolhê-la, variou ao longo dos séculos, refletindo mudanças de ordem conjuntural, consequência de um mundo em constante mutação.

A partir do século IV, com a oficialização do cristianismo<sup>2</sup>, a Igreja, outrora perseguida, ascendeu como a força política-ideológica mais importante do Império, depois do Estado (GOMES, 1997: 38). Como parte de seu projeto institucional, buscou estender sua tutela sobre os fiéis, o que implicou na interferência sobre o preparo para a morte, nos rituais e costumes fúnebres, reivindicando laços de parentesco espiritual em detrimento dos carnavais (RODRIGUES, 2005: 42). Esta postura consolidou-se por volta do século XI refletindo um longo processo de clericalização que substituiu

---

\* Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Católica do Salvador, especialista em História Social e Econômica pela Faculdade São Bento da Bahia, mestranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia, bolsista do CNPQ.

<sup>1</sup> Usaremos o conceito de cristandade tal qual definido por GOMES (1997: 33-34), qual seja, um complexo sistema de poder e de legitimação da Igreja e do Estado na sociedade.

<sup>2</sup> Segundo VAUCHEZ (1995: 12) apesar da oficialização do cristianismo ter ocorrido no século IV, é apenas a partir do século VIII que a conversão pode ser considerada como bem sucedida, após vencer grande resistência em regiões tradicionalmente pagãs, como a Germânia.

gradativamente a administração doméstica dos mortos pela do clero atuante sob o argumento de que cabia, apenas e tão somente aos representantes instituídos por Deus na terra, assegurar a salvação da alma (VAUCHEZ, 1995: 15). Deste modo, a morte passou a ter um novo significado, construído sutilmente no interregno de séculos, acompanhando a crescente individualização do homem e a conscientização de si mesmo, expressando uma nova concepção de destino (ARIÈS, 1989: 38).

O movimento de clericalização acentuou-se no século XII com o fortalecimento das comunidades monacais e do poder papal e a crescente limitação do poder dos leigos, fatores importantes no processo de renovação empreendido pela cristandade no período. A imposição de inúmeros rituais eclesiásticos, a super valorização da ética cristã e da sua tradução em forma de comportamentos moralizantes, elitizaram a Igreja, afastando-a do laicato, favorecendo a emergência de uma sensibilidade religiosa individualista (VAUCHEZ, 1995: 16). Estes eventos marcaram também o estreitamento dos laços do Estado com a Igreja que o legitimava e justificava ideologicamente.

O século XII assinalou ainda o “nascimento” de uma crença que provocou uma mudança fundamental nas perspectivas do espaço-tempo do imaginário cristão, criando um terceiro lugar na geografia do além: o Purgatório. Este entre-lugar, “situado” entre o céu e o inferno, reservado aos pecadores veniais, teve vários desdobramentos: exaltou a importância no período que antecedia à morte, intensificou os laços de solidariedade entre os vivos e os mortos sob a intermediação do clero, o que aumentou em muito seu espaço de atuação e importância e corroborou o desenvolvimento de uma escatologia individual que determinou a existência de um julgamento prévio da alma, antes do Juízo Final e coletivo, comum a toda a humanidade (LE GOFF, 1995: 253).

O domínio sobre o além mudou o status da Igreja conferindo-lhe uma essencialidade sem precedentes enquanto intercessora divina e transferindo a responsabilidade pela salvação ou condenação da alma para o indivíduo que, a depender de suas ações, de sua solidificação doutrinal e de seu envolvimento cotidiano com os sufrágios e penitências pelos mortos, poderia contar com a indulgência divina quando chegasse sua hora ou de seus entes queridos. Todo este cenário fortaleceu hábitos religiosos que tornavam quaisquer idéias de ruptura com a igreja algo extremamente temerário<sup>3</sup>, servindo portanto, a um desejável enquadramento das atitudes dos fiéis em

---

<sup>3</sup> LE GOFF (1995: 15) salienta a importância e o impacto da criação do Purgatório para a sociedade

relação à morte, em especial a partir do século XV quando o Purgatório se enraizou no sistema de crenças da sociedade cristã ocidental, servindo de reforço contra os avanços protestantes no período posterior ao Concílio de Trento (1545-1563).

O Purgatório permitiu que a Igreja se assenhorasse da morte como um acontecimento circunscrito à esfera eclesiástica, dando um passo significativo rumo à formulação de uma pedagogia de bem morrer que se valeria das inquietações em torno do julgamento individual e da possibilidade de uma condenação como elementos de domínio sobre a consciência, levando ao devido enquadramento das atitudes e representações em torno da morte por parte dos fiéis (RODRIGUES, 2005: 50).

O alvorecer do século XVI na Europa assistiu à consolidação de um arcabouço ideológico que se utilizou da morte como instrumento de pregação, cristianização e controle social sobre ações e pensamentos nos países de maioria católica. Estruturado pedagogicamente, constituiu-se num processo contínuo de ensino-aprendizagem cuja origem remontava ao século anterior com o surgimento da *ars moriendi* ou “arte de bem morrer”, uma modalidade de gênero literário e iconográfico devocional concebido para consolar, orientar e preparar os fiéis para “bem morrer” (SILVA, 2007: 203-209). Composto por imagens e textos que impressionavam por suas características macabras (CHARTIER, 1976: 52) funcionava como uma espécie de cartilha que lembrava a necessidade de se preparar diariamente para o embate entre as forças do bem e do mal cujo desfecho se dava no leito de morte<sup>4</sup>. Seus maiores divulgadores foram os irmãos das ordens mendicantes dominicanas, franciscanas e jesuítas, tendo estes últimos se destacado como os grandes especialistas nesta arte (DELUMEAU, 2003, V. II : 49-52).

A *ars moriendi* teve inúmeros desdobramentos na literatura, dando origem a grandes obras da oratória sacra, dentre as quais, os manuais de bem morrer<sup>5</sup>. Estes eram dotados de orientações práticas acerca dos passos que deveriam ser tomados para ajudar

---

ocidental ao afirmar que “esta construção secular da crença no Purgatório supõe e provoca uma modificação substancial das perspectivas do espaço-tempo do imaginário cristão. Ora, essas estruturas mentais do espaço e do tempo são o esqueleto da maneira de pensar e de viver de uma sociedade”.

<sup>4</sup> ARIÈS (1989: 34) se referiu à encenação da morte tal qual concebido na *ars moriendi* do século XV na seguinte dramatização: “O moribundo está deitado, rodeado de amigos e parentes (...). Seres sobrenaturais invadiram o quarto e aglomeram-se junto da cabeceira do doente. De um lado, a Trindade, a Virgem, toda a corte celeste; do outro, Satanás e o exército dos demônios monstruosos.”

<sup>5</sup> Segundo VAINFAS (2000: 410) entre os séculos XVII e XVIII foram publicados 129 manuais de bem morrer e feitas 261 edições em Portugal. ARAÚJO (1997: 166-168) informa que este gênero literário atingiu seu ápice em Portugal entre os anos de 1725 e 1749.

o fiel a bem morrer, o que incluía a confecção do testamento, a administração dos santos sacramentos por um representante da igreja e a conversão genuína expressa em uma vida repleta de ações devotas.

Apesar de no Brasil ainda não ter sido empreendido um estudo sistemático sobre os manuais de bem morrer, Cláudia Rodrigues no Rio de Janeiro, Gilda Maria Whitaker Verri (2006)<sup>6</sup> em Pernambuco, Humberto José Fonseca (2006) e João José Reis (1991) na Bahia, afirmam em seus trabalhos a presença desta arte literária entre os séculos XVII e XIX no Brasil. Seu ápice se deu durante o Setecentos que viveu o apogeu da cultura barroca na Península Ibérica e no além-mar<sup>7</sup>. Por seu teor altamente moralizante e sensibilizador, os manuais de bem morrer são parte fundamental do *corpus* documental necessário à investigação sobre as representações da morte por estarem perfeitamente inseridos no discurso tanatológico-religioso difundido pela Igreja.

Na Bahia, na primeira metade do século XVIII foi divulgado um manual de bem morrer denominado **Escola de Bem morrer** do jesuíta italiano Antonio Maria Bonucci. Este manual foi dedicado a uma confraria que funcionava dentro do Colégio dos Jesuítas e que se reunia todas as tardes de domingo, aberta a todos os cristãos que desejassem aprender “*A arte de bem morrer, tanto mais necessária, quanto mais dificultosa*” (BONUCCI, 1701: 3). Este compêndio é exemplar da pedagogia tanatológica e soteriológica propagandeada e ensinada pela igreja católica com a finalidade de normatizar os pensamentos e atitudes diante da morte.

## 2. A Escola de Bem Morrer de Bonucci

---

*A Escola de bem morrer aberta a todos os cristãos, & particularmente aos moradores da Bahia nos exercícios de piedade, que se praticaõ nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte* é um manual de bem morrer

---

<sup>6</sup> O segundo volume da obra de Verri apresenta um minucioso levantamento dos livros comercializados entre Portugal e Pernambuco entre os anos de 1759-1807, onde encontramos um número expressivo de manuais de bem morrer.

<sup>7</sup> O Barroco surgido durante o século XVII na Península Ibérica e colônias foi muito mais do que um estilo artístico-literário. Ele deve ser entendido dentro de uma lógica de dominação dirigida, massiva, urbana e conservadora, uma resposta às mudanças sociais, políticas e religiosas que vinham se processando por toda a Europa. Segundo MARAVALL (1997: 24): “*Barroco é um conceito de época, uma estrutura histórica que diz respeito a uma fase da evolução do Estado moderno*”.

dedicado à Confraria da Boa Morte, escrito pelo jesuíta italiano Antonio Maria Bonucci<sup>8</sup>. A primeira impressão data de 1695, sendo a segunda (utilizada neste artigo) de 1701.

A **Escola de bem morrer** foi escrita, conforme apontado em seu título, para a Confraria da Boa Morte que funcionava dentro do Colégio dos Jesuítas no Terreiro de Jesus nos domingos à tarde. O patrono da confraria era São José e, muito provavelmente, os irmãos se reuniam para o estudo da arte da boa morte na capela dedicada a este santo, construída no interior da Igreja dos jesuítas por volta do ano de 1694, pelo carpinteiro e escultor lisboeta Luiz da Costa (PEREIRA, 2010: 486-489). Esta confraria foi criada por iniciativa dos jesuítas em 1646 em Roma e inicialmente, congregava-se no último domingo de cada mês e seus membros comprometiam-se a manter viva a memória da morte como estímulo para se afastarem dos vícios indesejáveis a uma vida devota (DELUMEAU, 2003, V. II: 52).

O manual de início já declara seu objetivo: “*o methodo mais fácil, com que possa em suas acções agradar a Deos, desprezar a vida, & assegurar dependentemente de hua preciosa morte a coroa da immortal Bemaventurança, que esperamos no Ceo*” (BONUCCI, 1701: 1). Com estas palavras Bonucci esclarece que a intenção do manual é preparar o cristão para uma vida de devoção e renúncia, cuja recompensa é a imortalidade no céu.

Após apresentar todas as licenças necessárias, perfazendo um total de doze autoridades, o manual tem início com uma breve introdução onde o autor explica o que é a Confraria da Boa Morte e seus objetivos. Segundo Bonucci (1701: 1):

*A Confraria da Boa Morte He hua Escola, aonde se ensina a arte de bem morrer, tanto mais necessária, quanto mais difficultosa (...), em que se aprendem as verdadeiras regras para evitar hum mal eterno, & as maximas mais seguras para alcançar hum bem que não tem, nem terá termo*

---

<sup>8</sup> Bonucci nasceu na cidade italiana de Arezzo em 1651 e faleceu em Roma em 1729. Entrou para a Companhia de Jesus aos vinte anos e aos trinta veio para o Brasil numa expedição liderada pelo padre Antônio Vieira. Passou alguns anos lecionando em Olinda e Recife em 1696 migrou para a Bahia onde ministrou aulas no Colégio dos Jesuítas e tornou-se secretário de Vieira, além de responsável pela compilação póstuma de suas correspondências. Permaneceu na Bahia até 1703, quando, por motivo de saúde, regressou a Roma, onde permaneceu até sua morte. Bonucci deixou um legado de obras hagiográficas, oratórias e devocionais que exaltam a devoção mariana e a prática sacramental.

A partir deste trecho, passa a apresentar um índice em que explica que o manual divide-se em exercícios remotos e próximos. O primeiro dedicado aos que desejassem se preparar para bem morrer ainda quando dispusessem de boa saúde para fazê-lo e o segundo, àqueles que encontravam-se enfermos e moribundos. Bonucci cita filósofos como Platão e grandes pensadores da igreja como Santo Agostinho e Belarmino.

O manual é dividido em duas partes, a primeira abrange os exercícios remotos para a preparação para bem morrer e subdivide-se em quatro capítulos. O primeiro trata da pureza da consciência, o segundo trás outro requisito para a purificação das consciências, o terceiro ensina “*um exercício para hua santa, e felicíssima morte*” (BONUCCI, 1701: 65) e o quarto, outro exercício para bem morrer. A segunda parte do livro é dedicada aos exercícios próximos e dividi-se também em quatro capítulos. O primeiro descreve a preparação diária para uma boa morte, o segundo, sugere mecanismos para bem morrer em um dia de cada mês, o terceiro capítulo dedica-se à preparação de cada dia da semana e o último orienta à preparação em cada meia hora durante o dia.

A tônica presente em todo o livro é o conceito moral de *memento mori* associado ao de *vanitas*. O primeiro trata-se da memória da finitude da vida e, portanto, da cautela que se deve haver com o momento da morte que é impossível de ser previsto ou calculado. Já a *vanitas* é uma concepção moralista de vaidade, de futilidade diante da vida e da efemeridade da existência humana (FRONER, 1997: 13). Este discurso altamente moralizante e homogeneizador fazia parte do padrão seguido pelas *ars moriendi* que dava ênfase ao preparo contínuo e ininterrupto do cristão devoto para salvaguardá-lo de ser vítima de uma morte repentina, desprovida dos elementos indispensáveis à salvação de sua alma (ARIÈS, 1989: 34). Salvação esta que era individual, conforme atesta o manual de Bonucci, ao trazer a idéia de solidão na hora derradeira “*para chegarmos com felicidade aquella ultima, & solitaria hora da morte, em que todas as creaturas nos deixão, & nella fazermos hum inteiro sacrificio do nosso espirito a Christo crucificado*” (BONUCCI, 1707: 1).

Para Delumeau (2003, Vol. II: 55) “*o grande denominador comum a todas as preparações para a morte, traumatizantes ou reconfortantes, é a doutrina do contemptus mundi*”. Este conceito diz respeito a uma postura diante da vida de desprezo do mundo e conseqüente contemplação da morte como algo desejável “*porque põe um*

*termo ao nosso desterro neste vale de lágrimas: ela abre para a luz*” (BONUCCI, 1701: 56). A morte, como consequência “natural” do pecado original, deveria estar presente no discurso eclesiástico, reforçando a pedagogia do medo e a pastoral de conversão das almas. Acima de tudo, fazia-se necessária uma mudança no modo de vida do fiel que deveria buscar ajustar sua conduta em consonância aos preceitos cristãos que permeavam o imaginário religioso do período. Esta mensagem tinha como público-alvo toda a comunidade dos fiéis e fazia parte do empreendimento da igreja católica no sentido de conformar os comportamentos e as ações de seus tutelados.

Um aspecto interessante da **Escola de Bem Morrer** é que ela não fazia distinção de raça, classe ou gênero, ela estava aberta a todos os cristãos que desejassem se aparelhar para bem morrer. Não consta em suas regras, redigidas na parte final do manual, qualquer menção à “qualidade” dos irmãos, ou seja, se este deveria pertencer a um grupo específico ou não. Parece, portanto, que se tratava de uma confraria bastante flexível. O interesse comum, a preparação para a morte, parecia interessar a um vasto público da época pois segundo o manual:

*Ultimamente, que homem ha que não deseje morrer com a morte dos justos, & que por grande peccador que seja na vida, não repita muitas vezes com Balaam: Moriatur anima meã morte justorum, & fiant novíssima mea horum similia?<sup>9</sup> E que he a morte dos justos? A morte dos justos (...) não he morte, he somno, he descanso, he paz (BONUCCI, 1701: 5)*

A recompensa para quem buscasse uma preparação piedosa da morte era uma consciência tranqüila e a garantia de que Deus se lembraria de suas ações na hora derradeira e a morte, tão temida, se transformaria num estado de sublime paz e tranqüilidade. Estas eram as possíveis recompensas para aqueles que buscassem em vida a correção dos erros e a manutenção de uma conduta condizente com as normas cristãs. Tarefa nada fácil para o homem cuja natureza era frágil como o vidro (BONUCCI, 1701: 30). Tendo em vista a substância efêmera de que o homem era feito e a sua confessa debilidade, o manual fazia uso regular da pedagogia do medo para lembrar ao leitor de seu lugar diminuto na constelação dos favores divinos

*Traspassai, meu Deos, com o vosso temor os membros do meu corpo; porque eu me receyo muito de ambos os vossos júzoz; do particular na hora da*

---

<sup>9</sup> “Morra minha alma a morte dos justos, e seja meu fim similar ao deles”. Bíblia Sagrada, Livro dos Números cap. 23, vers. 10.

*minha morte, & do universal no ultimo dia do mundo. Este temor he o fiscal mais severo, que esquadrinha os cantos mais profundos do nosso coração* (BONUCCI, 1701: 33)

Presente neste trecho a preocupação com o julgamento individual da alma que se dava logo após a morte e com o julgamento final que se daria no fim dos tempos, quando Jesus Cristo voltasse para julgar individual e coletivamente a humanidade, designando a morada derradeira de cada alma. Neste sentido, o manual exorta a todos os cristãos que desejassem preparar-se para o julgamento divino, que fizessem bom uso da contrição, confissão e penitência, principais veículos de purificação das consciências e preparação para uma morte tranqüila. A pureza de consciência é comparada a

*hua flor, que nasce de hua terra regada do Sãgue de Christo, & das lagrimas da penitencia. Mas como flor, logo se murcha, & se secca, senão for continuamente banhada com as influencias da Graça Divina, & cultivada com as nossas cooperaçens, & industrias* (BONUCCI, 1701: 39)

Bonucci, ao referir-se às cooperações e indústrias, lista os meios que considera fundamentais para a manutenção de uma vida afastada dos pecados da carne e do pensamento: a oração, os sacramentos e a meditação. Para o jesuíta, a oração, seja mental, seja oral, era um escudo eficaz contra as tentações. Quanto aos sacramentos<sup>10</sup>, estes deveriam ser freqüentes, em especial a Eucaristia, a Penitência e a Extrema-unção, sempre lembrando que “*sendo nós hoje verdes, & florentes na vida corporal, amanhã podemos como feno murcharnos, & morrer*” (BONUCCI, 1701: 48), daí a importância de manter em dia a administração dos santos sacramentos, que garantiriam uma morte tranqüila e adequada ao rito cristão. A meditação fechava com chave-de-ouro os meios para uma vida contemplativa, pois conduzia o cristão a viver diuturnamente refletindo sobre sua própria pequenez e insignificância diante da grandeza da bondade e sabedoria do julgamento divino.

---

<sup>10</sup> Para LEBRUN (2009: 89-90) os sacramentos são “*atos religiosos que marcam as grandes etapas da vida de cada um e têm um duplo significado que nos permite falar em ritos de passagem, conquanto se situem no plano religioso: cada um dos sacramentos (...) considera o indivíduo em suas relações pessoais com Deus, porém, as cerimônias que o acompanham traduzem sua participação na comunidade paroquial e na comunidade invisível da Igreja universal. Assim é lembrado de que o grande objetivo de cada cristão é sua própria salvação*”. A Eucaristia, a penitência e a extrema-unção visam ajudar o moribundo a ter uma boa morte. A obrigatoriedade da administração destes sacramentos era vista como uma necessidade e um objetivo, o de alcançar a vida eterna.



O manual da **Escola de Bem Morrer** lista ainda 48 reflexões preparatórias para a morte, que deveriam fazer eco no pensamento de todo cristão. Estas incluíam o reconhecimento dos pecados, a abdicação aos prazeres carnavais, a aceitação da morte como manifestação da misericórdia divina e da permanência no Purgatório como providencial e aceitável dentro do plano superior de aplicação da justiça divina a todos os cristãos submetidos aos dogmas cristãos.

Para finalizar, o manual apresenta as regras dos irmãos confrades. O ingresso se dava através de contato com o padre responsável pela confraria que assentaria o nome do candidato no livro dos irmãos e receberia um documento com dia, mês e ano em que ingressou na dita confraria. Antes, porém, o candidato deveria passar por uma série de requisitos que incluíam uma confissão geral e o recebimento do Santíssimo Sacramento diante de um crucifixo. Após esta fase, o candidato deveria comungar pelo menos uma vez por mês ou quantas vezes seu confessor considerasse pertinente. Outra obrigação imposta aos confrades era a de comparecer à reunião semanal que ocorria aos domingos à tarde na igreja dos jesuítas, onde deveriam manter uma postura de recolhimento, silêncio e compostura. No caso de não poder comparecer por motivo de força maior, o irmão deveria rezar em sua casa diante da imagem de um crucifixo, cinco Padres Nossos, cinco Ave Marias, cinco *Gloria Patri*, oferecendo-os aos irmãos defuntos e vivos da confraria.

Para aqueles que seguissem as regras estabelecidas no manual de Bonucci estavam reservados inúmeros benefícios espirituais, dentre eles, duzentos dias de indulgências para quem orasse cinco Padres Nossos, uma Ave Maria e uma *Gloria Patri* diariamente. Àqueles que assistissem regularmente às reuniões da Escola de bem morrer aos domingos além de receberem duzentos dias de indulgências, participariam em espírito, de outras duzentas missas realizadas em Roma, às sextas-feiras. Para aqueles que sufragassem os irmãos defuntos estava reservada uma indulgência plena e a remissão de todos os pecados cometidos até então. E para aqueles que cumprissem todas as obrigações e ainda comungassem na igreja da Companhia de Jesus todos os terceiros domingos de cada mês ganhariam, com aval papal, além da indulgência plenária, a possibilidade de aplicá-la a uma alma do Purgatório de sua escolha, livrando-a assim do sofrimento imposto naquele tenebroso lugar.

### 3. Conclusão

---

A morte encontrava-se inserida formal e acidentalmente no cotidiano das pessoas na Bahia, durante o Setecentos e, portanto, no que elas liam, ouviam e vivenciavam, introjetada nas ações e nos pensamentos tanto coletivos como individuais. Ela era um espetáculo público da maior importância que deveria ser compartilhado pela comunidade dos fiéis para que servisse de lembrete perpétuo de que seu destino também estava traçado e que era uma questão de tempo até que a morte viesse a fazer parte de sua vida. Esperava-se que uma pessoa piedosa refletisse sobre isto diariamente, desenvolvendo uma verdadeira memória da morte.

A Igreja Católica lançou mão de uma pedagogia tanatológica e soteriológica que permeou o universo religioso e a vida dos baianos durante a primeira metade do século XVIII, levando-os a adotarem uma prática de bem morrer cotidianamente. Ainda que direcionada a um grupo de pessoas, quais sejam, os confrades da Confraria da Boa Morte, ela está aberta a qualquer pessoa interessada em aprender a bem morrer, o que atesta a existência de um saber prático utilizado para a uniformização de regras e de comportamentos. O que estava em jogo para a igreja era a propagação e consolidação de um modelo de espiritualidade assentado na moralização dos costumes, no recalçamento da culpa individual e na exploração da imagem da morte com a clara finalidade de promover um combate contínuo contra as tentações terrenas e as forças do mal, partes constituintes de um empreendimento pedagógico que visava à homogeneização das práticas e dos pensamentos dos fiéis, mesmo que cimentados sobre uma pastoral respaldada numa disciplina do terror (ARAÚJO, 1997: 152).

Como esforço de missionação, a propaganda tanatológica atingia um grande número de fiéis que viam nos manuais de bem morrer as diretrizes para a salvação de suas almas. O manual de Bonucci é um exemplo deste tipo de empresa que lança mão de todos os esforços para convencer, reunir e subordinar. O livro deixa claro os deveres e as vantagens para quem se sujeitasse às determinações contidas em suas páginas, introduzindo como motivações, fazer a vontade de Deus e assim garantir indulgências plenárias e a salvação de sua alma. A idéia de responsabilidade individual implicava uma atitude diligente, vigilante e atenta em relação a seu próprio futuro escatológico,

lembrando que qualquer discurso sobre a morte revela o que está verdadeiramente em jogo, não para os mortos, mas para os vivos.

O manual de Bonucci exortava os cristãos a adotarem um modo de vida condizente com as diretrizes eclesiais, estipulando condutas condizentes com o modelo cristão de vida, insistindo na necessidade de confissão, contrição e administração dos sacramentos. A idéia de finitude está presente em todo o texto, bem como a de fragilidade diante do inevitável, a morte. Neste sentido, adquiriu a morte um caráter eminentemente fatalista. Apoderou-se a Igreja deste evento como arma de combate contra os avanços contra-reformistas e transformou a morte em moeda de grande valor no plano espiritual e material.

Ainda há muitas lacunas a serem preenchidas no tocante aos manuais de bem morrer que circularam na Bahia, do qual figura a **Escola de bem morrer** de Bonucci. Entretanto, pode-se auferir que sua contribuição assenta-se no fato de lançar luz sobre as atitudes diante da morte por parte da Igreja e da apropriação desta como parte de seu projeto pedagógico. A **Escola de bem morrer** é um exemplo notável de construção ideológica e permite-nos percebermos as nuances das representações escatológicas e dos esforços empreendidos pela Igreja no sentido de construir um teatro da morte, onde o homem era o protagonista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ARAÚJO, Ana Cristina. **A morte em Lisboa. Atitudes e representações (1700-1830)**. Lisboa: Editorial Notícias, 1997.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

\_\_\_\_\_. **Sobre a História da Morte no Ocidente**. Lisboa/Portugal: Teorema, 1989.

BONUCCI, Antonio Maria. **Escola de Bem Morrer aberta a todos os cristãos, & particularmente aos moradores da Bahia nos exercícios de piedade, que se praticaõ nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte**. Lisboa: Officina Miguel Deslandes, 1701.

CHARTIER, Roger. **Les arts de mourir, 1450-1600**. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 31e année, nº 1, 1976.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)**, Vol. II. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

FONSÊCA, Humberto José. **Vida e morte na Bahia colonial: sociabilidades festivas e rituais fúnebres (1640-1760)**. Tese de doutorado. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2006.

FRONER, Yaci-Ara. **Vanitas: uma estrutura emblemática de fundo moral**. Revista de História da Universidade do Estado de São Paulo, FFLCH/USP, São Paulo, n. 136, 1997.

GOMES, Francisco José Silva. **A igreja e o poder: representações e discursos**. In: RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros (org.). *A vida na Idade Média*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. 2ª Ed.. Lisboa: Estampa, 1995.

LEBRUN, François. **As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal**. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 76-112.

MARAVALL, José Antonio. **A Cultura do Barroco: análise de uma estrutura histórica**. São Paulo: EDUSP, 1997.

PEREIRA, Sônia G. **Artistas e artífices da Catedral de Salvador, antiga igreja dos Jesuítas na Bahia**. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6172.pdf>, acesso em 01/09/2010.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SILVA, Paulo José C. **A ars moriendi jesuítica: história de uma prática psicológica**. História Unisinos, 11(2), maio/agosto 2007.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade da Idade Média Ocidental. VIII-XIII**. Lisboa/Portugal: Estampa, 1995. 228 p.

VERRI, Gilda Maria W. **Tinta sobre papel: livros e leituras em Pernambuco no século XVIII, 1759-1807**. Recife: Ed. Universitária da UFPE/Secretaria de Educação e Cultura, 2006. Vol I e II.